

# O Ateísmo Anti-Humanista e Anti-Feuerbachiano de Max Stirner

José Crisóstomo de Souza\*

**Resumo:** O homem, para Stirner, é o novo ser supremo que assume o lugar de Deus, garantindo o aprofundamento – nas ideologias e na moral “humana” – da dominação “religiosa” sobre os homens reais e finitos. Por trás disso, teríamos a perpetuação do vício cristão da encarnação: o esforço para atribuição de um “corpo,” ou realidade objetiva, ao espírito, ao ideal, ao conceito, em detrimento da irreduzível singularidade e corporeidade dos indivíduos. Vício que encontraria sua expressão exemplar na tradução feuerbachiana da teologia em antropologia, pela inversão sujeito-predicado, que transfere para – e funda em – uma suposta essência humana universal e objetiva (não os homens tais como são) os atributos e a precedência tradicionalmente conferidos, pela religião, ao ser ilusório e transcendente que é Deus.

**Palavras-chave:** anti-humanismo – ateísmo – homem – Stirner – Feuerbach

Para o jovem hegeliano Max Stirner (1806-1856), a obra do Iluminismo, a morte de Deus, só se completaria com a morte do “homem.” Depois do além fora de nós, o além em nós, ou entre nós, faltaria ser conquistado, e é em nome do indivíduo singular corpóreo – finito e nadificador – que Stirner denuncia o homem genérico como espectro moderno por excelência, novo nome do que é sagrado e nova encarnação do ser supremo. Por trás das

---

\* Professor titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Bahia.  
E-mail: crisouza@ufba.br

ideologias modernas – o liberalismo, a democracia, o socialismo, o humanismo enfim – estaria sempre “o homem,” como medida para todos os homens, contraposto àquilo que neles é apenas pessoal e caprichoso: sua vontade, sua particularidade, o corpo, a fruição de si mesmo. Stirner nos convida então a sair finalmente do que ele chama de círculo vicioso do cristianismo (ao qual a Modernidade ainda estaria presa), cujo “pecado original” estaria, não pura e simplesmente na abstração e no idealismo, mas, ao contrário, na busca reiterada de atribuir realidade à abstração, ao ideal, ao espírito, ao conceito – do que só poderia resultar uma nova dependência e alienação, mais uma dominação sobre os homens, uma nova heteronomia. Para o autor de *O Único e Sua Propriedade*, o humanista Ludwig Feuerbach (1804-1872) é o grande expoente dessa nova religião, desse novo ser supremo. Ao invés de filósofo do sensível, um defensor de novas fantasmagorias (como a essência humana e o ser genérico), alguém para quem Deus é o homem, e este é o legítimo proprietário dos atributos divinos tais como o amor, a sabedoria, a justiça, que constituiriam a essência humana universal e objetiva. “O que penso segundo a medida do gênero”, entende o autor da *Essência do Cristianismo*, “penso como o homem em geral não pode deixar de pensar; como o indivíduo deve pensar se quiser pensar normalmente e conforme à lei”. De fato, para bom entendedor, Feuerbach está preocupado com o que ele mesmo chama de aparência moderna de religião, o “ateísmo dissimulado” e o “cristianismo epicurista” do mundo moderno, que representariam a negação dos predicados divinos (os mencionados valores), mantida a afirmação do sujeito que é Deus. Contra Feuerbach, Stirner alega que sua conversão antropológica, humanista, preserva o traço essencial da religião, que é o dualismo, a contraposição indivíduo-essência, ou existência-essência; resultando apenas numa simples “mudança de dinastia”. A saída se encontraria, então, no que o autor de *O Único e sua Propriedade* chama provocativamente de “egoísmo”.

## 1. Deus e o homem do humanismo: de um ser supremo a outro

Bruno Bauer (1809-1882), outro representante da esquerda hegeliana, entende que “o homem” é o resultado da superação do pensamento cristão e do esforço histórico por um ideal; diante do que Max Stirner aproveita para arrematar: “Sou *eu* então o fim e o resultado do cristianismo, e o ponto de partida de uma nova história” (Stirner 16, p. 198). Não é assim, porém, que, pela via da “encarnação”, que seria o curso próprio de desenvolvimento do cristianismo, jamais se chegará aos homens reais: “Não pude me encontrar enquanto me procurei como homem” (*id., ibid.*, p. 152). Do ponto de vista do autor do *Único*<sup>(1)</sup>, para que eu, na minha corporeidade, seja finalmente reconhecido, é preciso primeiro sair do círculo vicioso do cristianismo. Pela via da encarnação, Deus se fez carne, mas isso ainda para que o espírito reinasse, isto é, justamente para que o mundo se espiritualizasse. Por meio da encarnação chegou-se à *idéia* de homem, jamais ao indivíduo real, singular, na sua corporeidade (*id., ibid.*, p. 407-8). Já nas origens do cristianismo, no esforço para tornar o espírito real e palpável, os homens chegaram a provê-lo de um corpo físico, com Cristo, o Deus-Homem, o verbo encarnado. Depois disso, o homem (*der Mensch*) virá tornar-se o espectro por excelência, isto é, o espírito tomado como algo de real e corpóreo (*id., ibid.*, p. 42-4). É contra isso que Stirner se rebela: “O homem tenta hoje tornar-se eu, e ganhar graças a mim um corpo, mas isso apenas mostra que tudo depende de mim, e que sem mim ele está perdido” (*id., ibid.*, p. 152).

Durante os últimos séculos, os homens viriam tentando decifrar o “ser supremo,” descobrir a realidade que nele se esconde, enfrentado a missão – impossível – de torná-lo finalmente próximo e palpável (*id., ibid.*, p. 142). Hoje, na Modernidade, o ser supremo já seria o próprio espírito humano, a humanidade, a pessoa humana; mas, ainda assim, um espírito estranho, sagrado, que

não pode ser simplesmente o meu espírito, eu próprio tal como sou (Stirner 16, p. 103). Seria um ledor engano imaginar que estamos livres da opressão da religião e do sagrado, acha Stirner, apenas porque ele agora se chama “humano” (*id., ibid.*, p. 311), pois, com isso, ele não perdeu nem sua santidade nem sua intocabilidade (*id., ibid.*, p. 103). O fato de que hoje lhe dou uma forma e amanhã outra, como tem sido através dos tempos, deveria mostrar que o espírito é sempre e simplesmente “meu”, nada em si e por si. Entretanto, ainda hoje não se admite que eu, tal como sou, “tenha” a humanidade ou corresponda ao homem; a humanidade deve continuar apenas como um ideal ao qual devo servir e me sacrificar. Para Stirner, ao contrário, a humanidade não passa de um de meus atributos, e, por isso mesmo, não pertencço à humanidade; ela é que me pertence. Não pode ser dela, portanto, que advém o meu valor (*id., ibid.*, p. 191); quem me estima pela minha humanidade, aprecia uma das minhas propriedades, não a mim. Do contrário, e esse é um dos temas favoritos de Stirner, o relacionamento entre os indivíduos jamais se tornará direto e pessoal; ficará sempre mediado por um terceiro – que é, na verdade, apenas uma idéia e um espírito. Nessa perspectiva, por exemplo, se tenho consideração a você, não será pelo valor que você tem para mim, mas pelo ser supremo que você encarna, por sua essência universal, por sua humanidade;  *pessoalmente*, por si mesmo, você não vale nada, e se eu não visse o homem em você, nada teria a respeitar (*id., ibid.*, p. 44)<sup>(2)</sup>.

Com o homem, ainda não estaríamos mais avançados do que no começo da Cristandade, já que nem o divino nem o humano conseguem nos expressar inteiramente, isto é, individualmente, na nossa absoluta singularidade (*id., ibid.*, p. 190-1)<sup>(3)</sup>. É verdade que às vezes chega-se perto de admitir que homem e eu são sinônimos, e então “egoísmo” (é o termo, já vimos, que Stirner aplica a sua posição) e “humanismo” beiram significar o mesmo. Mas logo o homem se revela como um eu universal acima dos indivíduos, e ser homem passa a significar “representar o ideal de ho-

mem”, não apenas “ser o indivíduo que se é” (Stirner 16, p. 199-200). Por isso o homem é o último dos espíritos, e, ao mesmo tempo, pela sua aparente proximidade e realidade, o mais enganador. Se a crença em Deus encontra-se modernamente enfraquecida, tudo aquilo que se tirou dele, e que pertence a mim e a qualquer um, foi transferido para o homem (*id., ibid.*, p. 202-3). Stirner está convencido de que, desde sua origem, o cristianismo tinha o destino de realizar o homem genérico. Pela doutrina da imortalidade e da salvação pessoais, a religião cristã aparentemente concede ao eu um valor infinito, mas na verdade só o que eu tiver de verdadeiramente humano tem o direito de sobreviver (*id., ibid.*, p. 192). De modo que, na Modernidade, quando o Iluminismo proclama o homem como universal, igual, etc., pode-se entender que o cristianismo foi levado às últimas conseqüências, e que, com isso, continuamos basicamente na mesma.

Assim é que os “liberais” (*Liberalen*, é como Stirner chama os ideólogos de todo tipo, expressa ou tacitamente “humanistas”) têm pelo indivíduo singular corpóreo (isto é, pelo eu absolutamente “único”) o mesmo desprezo que tinham os cristãos, pois não tomam o indivíduo pelo que ele é, mas, em última análise, pelo que tem, seus atributos. Tal como o cristão preocupava-se apenas com seu espírito, ao “liberal” interessa somente sua humanidade (*id., ibid.*, p. 191). Se a humanidade está no indivíduo, e por isso mesmo ele é um homem, ela está aí como uma espécie de outro eu, de um eu superior; tanto é assim que o indivíduo deve ainda se esforçar para tornar-se um verdadeiro homem<sup>(4)</sup>. O “liberal humanista” preza o homem, mas se interessa pouco pelas “bogatens privadas” do indivíduo. Ele vê em cada pessoa apenas o que esta é no geral; não vê Pedro ou Paulo em carne e osso, mas sua essência<sup>(5)</sup>. Seu humanismo não passa de uma “religião da humanidade,” quando me distingue de minha essência e a coloca acima de mim. Quando faz de um dos meus atributos um ser por si, e me humilha aos seus pés, prescrevendo-me o homem como minha vocação inarredável; pois o homem fica aí nas mesmas

alturas em que toda religião põe seu Deus ou seu ídolo (Stirner 16, p. 192).

Para o humanismo, o indivíduo deve abdicar do que é apenas pessoal, isto é, de sua individualidade, para que prevaleça o homem. E, segundo Stirner, na progressão para essa, digamos, expropriação, a concepção humanista percorreria três etapas. Em primeiro lugar, como o indivíduo não é ainda um verdadeiro homem, sua vontade apenas pessoal deve ser anulada como arbitrária. É o que pensaria que Stirner chama de “liberalismo político” – Rousseau, por exemplo. Em segundo lugar, como o indivíduo não possuiria nada “humanamente,” ele não deveria ter propriedade pessoal, da qual pudesse dispor ao seu bel-prazer. Nesse caso Stirner está pensando no socialismo e no comunismo, que ele chama de “liberalismo social”. Em terceiro e último lugar, como o indivíduo comum até aqui não teria mostrado absolutamente nada de humano e não passaria mesmo de um “egoísta”, ele deveria ser simplesmente suprimido enquanto tal, para dar lugar ao homem verdadeiro, aquele que só agora foi descoberto. Quem fala aqui é o “liberalismo humano” e absolutamente “crítico”, em especial o de Bruno Bauer (*id., ibid.*, p. 150).

Felizmente, porém, as coisas não ficam nisso, pois, afinal de contas e apesar de tudo, o homem existe no indivíduo. Por isso, enquanto homem “de direito”, o indivíduo receberá do “liberalismo político” a concessão da liberdade e de todos os chamados “direitos do homem”, inclusive a propriedade. O socialismo, por sua vez, concederá o que lhe cabe enquanto trabalhador, por sua atividade humana genérica. E, finalmente, o “liberalismo humano” lhe concederá o que lhe pertence como homem, isto é, o que pertence de fato à humanidade. Desse modo, depois de tudo, a humanidade é quem agora tem tudo, e o indivíduo enquanto tal, por si mesmo, não tem mais coisa nenhuma. Donde a necessidade de este, para valer ou possuir alguma coisa, tornar-se um verdadeiro homem, um homem novo. Não é – Stirner indaga – o que o cristianismo sempre pregou? (*id., ibid.*, p. 151)<sup>(6)</sup>.

## 2. O ateísmo anti-humanista contra a inversão feuerbachiana

Stirner introduz a primeira metade do seu livro, intitulada “O Homem” (*Der Mensch*) com uma epígrafe que é a famosa e comprometedora frase de Ludwig Feuerbach: “O homem é para o homem o ser supremo”; seguida do surpreendente anúncio de Bruno Bauer: “O homem acaba de ser descoberto” (Stirner 16, p. 7). No início da segunda metade do *Único*, que leva o título de “Eu” (*Ich*), tendo já procedido ao exame do recém-descoberto ser supremo, Stirner resume seu ponto de vista numa bela epígrafe de sabor nietzschiano: “Se no alvorecer dos Novos Tempos levantou-se o ‘Homem-Deus’ (Cristo), no seu ocaso somente Deus sucumbirá? Não se pensou ainda nessa questão, imaginando-se ter feito tudo ao conduzir até o fim, em nossos dias, a obra do Iluminismo, isto é, a vitória sobre Deus. Não se observou que o homem matou Deus apenas para tornar-se agora ‘o Deus único.’ O além fora de nós foi sem dúvida varrido e a grande obra da filosofia das Luzes foi realizada; mas o além em nós tornou-se um novo céu, que precisa também ser conquistado: Deus teve que ceder seu lugar, não a nós, mas ao ‘homem’. Como se pode crer que o Homem-Deus está morto, enquanto o ‘homem’ não estiver morto também?” (*id., ibid.*, p. 170).

*O Único e Sua Propriedade* é – tanto quanto uma negação do cristianismo – um ataque ao homem como ser genérico e universal substancial. O homem é a noção-valor que seu autor descobre por trás de todas as ideologias modernas, das concepções modernas do direito, da política e da moral. Como uma crítica do homem, *O Único* é uma anti-Feuerbach, pois o autor da *Essência do Cristianismo* é o expoente máximo da “antropologia” – essa “filosofia do futuro” que tanto empolgou Marx e Engels. Para Feuerbach, a “antropologia” deve tomar o lugar da teologia e da filosofia especulativa de Hegel, como filosofia do sensível e do

verdadeiramente concreto. Stirner, porém, pretende mostrar que ela não é nada disso, mas antes, de novo, uma verdadeira “teologia”<sup>(7)</sup>. Para Feuerbach, na religião o homem primeiro objetiva sua essência, para depois fazer-se objeto dela, transformada em algo separado dele e a ele contraposto: Deus (Feuerbach 6, p. 147-8). O cristianismo representaria, assim, uma relação alienada do homem consigo mesmo, ou melhor, com sua própria essência – esta lhe aparecendo como um outro ser. Foi sempre sua própria essência, constituída pelos melhores predicados humanos, que os homens perceberam e adoraram na religião, pois Deus é o homem, e este é o legítimo proprietário dos predicados atribuídos àquele: o amor, a sabedoria, a justiça, etc (*id.*, *ibid.*, p. 130-1). Compreendido isso, cabe trazer aquela essência de volta ao próprio homem, tornado finalmente desalienado, autônomo e, sobretudo, para Feuerbach, humano e comunitário<sup>(8)</sup>.

Na opinião de Stirner, entretanto, temos aí um problema. É verdade que Deus é agora reconhecido como sendo o próprio homem, mas tal conversão antropológica guardaria ainda o traço essencial da religião, seu dualismo. Porque mantém uma oposição entre cada um de nós e sua essência – o que deixaria tudo praticamente na mesma, pois tal essência não sou eu, que tenho ainda de aceitar um “eu essencial”, ideal, para além do meu eu contingente e inessencial. Feuerbach construiria ainda sobre o mesmo terreno da religião, e sua transformação do divino transcendente em divino imanente não nos traria qualquer vantagem: não somos o que está “em nós”, mais do que o que está “fora de nós” (Stirner 16, p. 34). Desse modo, o que seria, para Feuerbach, uma grande virada na história do mundo, revela-se antes como a continuidade da mesma história. Com ela, praticamente nada mudaria, entre outras coisas porque também para o cristianismo o espírito de Deus habita em cada um de nós<sup>(9)</sup>. Stirner, então, arremata, no seu melhor estilo: “Se Feuerbach destrói a morada celeste do ser supremo e o força a vir alojar-se conosco, nós, seu alojamento terrestre, ficamos agora bem mais atravancados” (*id.*, *ibid.*, p. 35).

De acordo com Feuerbach, “a representação humana de Deus é a representação que o indivíduo humano faz de seu gênero” (Feuerbach 9, p. 12). Como algo infinito e superior a ele mesmo, deveria acrescentar; pois o “homem ser supremo” é uma noção que só se aplica adequadamente ao gênero, e jamais ao indivíduo contingente<sup>(10)</sup>. Com efeito, na *A Essência do Cristianismo*, o indivíduo é francamente limitado, e “não pode elevar-se acima das leis e dos caracteres essenciais do gênero”; o gênero é sua medida, da qual o indivíduo se aproximará, sem jamais poder jamais ultrapassá-la (*idem* 6, p. 425). Para *O Único*, em contrapartida, o gênero é apenas um pensamento, e o indivíduo que ultrapassa seus limites torna-se apenas mais ele mesmo, mais singular e único. Ele é um indivíduo exatamente na medida em que “não permanece aquilo que é” (Stirner 16, p. 200), mas sem deixar de ser ele mesmo sua própria referência.

Stirner está disposto a admitir, com Feuerbach, que a religião despoja os homens de seus predicados e os confere a uma pessoa imaginária que é Deus. Mas isso não é tudo, diz ele, pois ser religioso é também imaginar uma perfeição que deve ser atingida, um ideal absoluto, um mesmo e supremo bem para todos (*id., ibid.*, p. 269)<sup>(11)</sup>. Interessa, portanto, ver o que realmente acontece com o conteúdo da religião, depois da inversão feuerbachiana (*id., ibid.*, p. 34). Para Feuerbach, a religião não tem nenhum conteúdo que lhe seja próprio (Feuerbach 6, p. 189), uma tese que pode conter implicações insuspeitas, pois se o conteúdo da religião não é dela, talvez não haja por que ou como destruí-lo junto com ela. Com efeito, depois da transformação feuerbachiana, o conteúdo da religião vai sobreviver na “moral humana”. Feuerbach imagina que basta “fazer do predicado o sujeito, e do sujeito o predicado” (cf. *idem* 10, p. 105-6); mas, assim, crê Stirner, livramos apenas do ponto de vista religioso tradicional, que faz de Deus o sujeito, enquanto preservamos e fortalecemos ainda mais seus predicados, isto é, enquanto constituímos a moral como nova religião<sup>(12)</sup>. Não dizemos mais que “Deus é amor”, declaramos que o

amor (“humano”) – que deve reinar – é “divino” e “sagrado” por si mesmo, e que o egoísmo, que no entanto pertence igualmente ao homem, é “desumano.”

Com a nova moral resultante da inversão feuerbachiana, o predicado me amarraria ainda mais fortemente – como algo que é meu mesmo e que me cabe sem apelação (Stirner 16, p. 50-1). No lugar da fé, Feuerbach põe o amor do homem pelo homem como primeira lei, suprema e absoluta, e põe como sagrado tudo aquilo que é “verdadeiramente humano” (Feuerbach 6, p. 426). Depois dele, então, não haveria mais necessidade de qualquer padre, pastor ou sacramento; os mandamentos da religião são agora naturalmente sagrados, e devem ser assim considerados. Tornando-se puramente humana e livre da religião, nada impede que a moral se absolutize – como religião<sup>(13)</sup>. A vitória do humanismo, então, “reduz-se a uma simples mudança de dinastia”, ou melhor, à passagem a uma outra dinastia ainda mais opressiva (Stirner 16, p. 61-2). A noção feuerbachiana de que “a teologia é uma antropologia” afinal de contas significa apenas que a religião deve ser uma moral, e que a moral é a única religião. Ambas, no entanto, colocariam o homem no terreno do dever e do ideal, do mesmo modo que a política dos ideólogos, isto é, dos que Stirner chama de “liberais” (*id.*, *ibid.*, p. 268).

### 3. Ateísmo e alienação na moral humana

Na *Ideologia Alemã*, Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) comparam Bruno Bauer a Jeová, que clama contra a ingratidão de seu povo, que se volta para outra divindade, Baal (Marx & Engels 15, p. 126, p. 128)<sup>(14)</sup>. Eles querem dizer que estão abandonando o “espiritualista” Bruno Bauer pelo “materialista” Feuerbach – o que está longe de ser verdade<sup>(15)</sup>. Em todo caso, essa própria comparação parece sugerir que o assim chama-

do “elo intermediário” entre a concepção marxiana e o hegelianismo representa antes uma “heresia religiosa” do que o fim de toda a religião<sup>(16)</sup>. Como na denúncia de Stirner, Feuerbach, bem diferente da imagem que o marxismo projetou, seria antes o profeta de um novo culto, mais do que o expoente de um ateísmo audacioso ou de um ousado sensualismo. O questionamento stirneriano, como vimos, está em que a suposta reapropriação feuerbachiana acabaria por fixar, como objetivos e auto-subsistentes, os predicados/valores antes atribuídos à divindade (Feuerbach 6, p. 135). Revertidos à essência universal que é o homem, encontrariam aí um fundamento sólido e real, mais até do que quando atribuídos a um ser transcendente e pessoal. Stirner, no entanto, entende que, para que o indivíduo seja realmente autônomo e soberano, tais predicados deveriam ser igualmente destruídos na sua transcendência e objetividade, junto com a pessoa do antigo ser supremo. Esta seria a única maneira de efetivamente passarem a “propriedade” do eu singular, seu criador original e absoluto, em vez de se tornarem objeto de um novo culto. Quanto a Feuerbach, sua preocupação vai, de fato, em outra direção; para ele, a negação prática dos predicados, mantida a afirmação do sujeito que é Deus, é uma característica deplorável dos tempos modernos, representando uma “aparência de religião”, um “ateísmo dissimulado” (*id., ibid.*, p. 131-2). É, na verdade, em oposição a isso que ele se mobiliza – mais como um restaurador, clamando contra a imoralidade e o cristianismo inautêntico e “epicurista” do seu tempo (*id., ibid.*, p. 97 e ss.)<sup>(17)</sup>.

Na sua réplica a Stirner, ainda em 1845, Feuerbach se justifica admitindo que “deixa subsistirem os predicados como predicados da natureza e da humanidade” (*idem* 7, p. 222) – sem entrar no mérito do que espera obter com isso. Ele inverte a ordem do predicado e do sujeito, para livrar-se do antigo sujeito; ele mesmo entende, porém, que foram sempre os predicados – e não o sujeito – que tiveram importância para os homens. O amor, diz ele, não se tornou sagrado para os homens por ser um predicado

de Deus, mas, ao contrário, tornou-se um predicado de Deus porque é divino por si mesmo (Feuerbach 6, p. 139). Onde estaria então a radicalidade da revolução feuerbachiana? – pergunta Stirner. De acordo com o autor da *Essência do Cristianismo*, o amor cristão é vão e ilusório porque só ama o homem por amor de outro ser – Deus. Mas, para *O Único*, também o amor “moral” e “humano” floresceria por amor ao homem genérico (Stirner 16, p. 63). Por que então – indaga Stirner – se tratava-se realmente de emancipar os homens, Feuerbach não se livrou igualmente da essência humana e declarou guerra aos predicados enquanto sagrados e absolutos? Depois da metamorfose feuerbachiana, ao contrário, os predicados passariam a ter uma significação autônoma e a impor aos homens seu reconhecimento com muito mais força<sup>(18)</sup>.

Feuerbach imaginava que os “pensamentos fundamentais” do seu livro, depois de vencerem as ilusões e os preconceitos reacionários de alguns contemporâneos, tornar-se-iam “propriedade da humanidade” (Feuerbach 6, p. 112). Entretanto, uma oposição de teor um tanto diferente do esperado iria reduzir as pretensões do pensador do ser genérico, e condenar como ilusão e preconceito justamente sua própria concepção. Quem se der ao trabalho de examinar a obra feuerbachiana, vai encontrar cada vez mais “pensamentos fundamentais” que dão sentido à crítica stirneriana. Realmente, aí, a negação da ilusória oposição entre divino e humano logo se substitui pela afirmação de uma outra, não ilusória, “entre a essência humana e o indivíduo” (*id., ibid.*, p. 131). O ser humano que deve tomar lugar do ser divino não é o indivíduo, que, ao contrário do gênero, é limitado e pode ser apenas um “representante” ou “deputado” da humanidade (*id., ibid.*, p. 292 e 298)<sup>(19)</sup>. Naturalmente, os indivíduos humanos estão longe de serem desprezíveis; cada um deles representa “um novo predicado” e “um novo talento” do gênero, que assim “possui” nele ainda mais força (*id., ibid.*, p. 140). Ora, não admira que as conseqüências dessa “antropologia” – ou “antropolatria” – sejam moralistas e mesmo platonistas. Nosso humanista supostamente sensualista entende, por

exemplo, que é frivolidade admirar no corpo do indivíduo “a forma individual”, mas não assim a forma “humana”, que, ao contrário, “deve ser admirada” (Feuerbach 6, p. 123). Com o que não estamos absolutamente reconciliados com a corporeidade individual, mas, expressamente, apenas com o corpo do homem... genérico.

Apesar de tudo, para Feuerbach, sua posição é mais “pagã” do que “cristã” e nisso ele tem certa razão. Ao menos do ponto de vista de sua imagem do cristianismo, que envolve uma avaliação exatamente oposta àquela de Stirner<sup>(20)</sup>. Segundo *A Essência*, a religião cristã “só tem olhos para o indivíduo” (divinizado, absolutizado), ao qual na verdade “sacrifica o gênero” (*id., ibid.*, p. 291 e 293). Enquanto os cristãos vêem o gênero no indivíduo, “imediatamente e sem distinção” (*id., ibid.*, p. 291)<sup>(21)</sup>, os pagãos, ao contrário, sempre consideraram o indivíduo através de sua conexão com o universo e a comunidade (*id., ibid.*, p. 290). O cristianismo, enquanto inverte isso, representa precisamente uma deformação e um delírio; é um absurdo, entende Feuerbach, que o indivíduo seja ao mesmo tempo e por si só a “idéia” (ou o “gênero”), na plenitude de sua perfeição e de sua infinitude (*id., ibid.*, p. 295). É uma estupidez representar o universal (Deus) sob a forma de um indivíduo (Cristo) – “tão estúpido como querer representar a cor como realizada em uma cor”. De maneira que, para sua antropologia, o homem, como “soma de todas as perfeições que estão repartidas entre os homens”, não é de modo algum o indivíduo (*id., ibid.*, p. 447).

Como podemos entender, e Stirner efetivamente entende, o que Feuerbach não quer de forma alguma é abdicar do caráter “positivo” – e até, segundo ele mesmo, “religioso” – da sua concepção. Com a sua crítica antropológica da religião, os homens não seriam deixados sem rei nem lei, antes pelo contrário: o gênero oferece agora ao indivíduo uma medida segura, objetiva e universal – ele é “a lei absoluta,” Feuerbach decreta (*id., ibid.*, p. 134). Assim, o dever-ser fica aparentemente preservado quase com a

força do que é, do pleno e substancial: “O que penso segundo a medida do gênero”, diz o autor da *Essência*, “penso como o homem em geral não pode deixar de pensar”, isto é, penso “como o indivíduo deve pensar se quiser pensar normalmente (*sic*) e conforme a lei” (Feuerbach 6, p. 298-9). Feuerbach não esconde sua esperança de, com a sua crítica da religião, recuperar “o religioso” (termo a que dá uma conotação favorável, por oposição a “teológico” e “especulativo”). Nega-se propriamente a religião, diz ele, quando se nega o homem e se perde a fé nele (*id.*, *ibid.*, p. 165). Feuerbach diz expressamente que sua nova filosofia “é na verdade religião” (*idem* 9, p. 200), e prescreve textualmente “que nos tornemos outra vez religiosos” (*idem* 8, p. 200). A nova religião – encarnada e prática – será desta vez a política, e o novo ser supremo já sabemos qual será: “É preciso que a política se torne nossa religião”, o que supõe que contenha “um novo princípio supremo”, capaz de propiciar tal metamorfose<sup>(22)</sup>. Na resposta a Stirner, Feuerbach apresenta o porquê da necessidade (e mesmo da inevitabilidade) de um novo ser supremo, que ele pretende suprir com seu humanismo. É que os homens se sentem “limitados” e “imperfeitos” quando se comparam uns com os outros e com seu próprio sonho; sem um credo qualquer, seriam deixados num “vazio,” preenchido então “pela representação de Deus”. Sendo assim, só o gênero poderia “simultaneamente suprir e substituir a divindade e a religião” (*idem* 7, p. 230).

Stirner certamente está disposto a admitir que a representação de uma divindade vem a suprir, no indivíduo, o sentimento de um vazio ou da própria limitação ou finitude, mas não aceitará o remédio proposto, que lhe parece antes a perpetuação do próprio mal. Feuerbach entende que “quanto mais a vida é vazia, tanto mais Deus é pleno”, e que, “para enriquecer Deus, o homem deve empobrecer-se” (*idem* 6, p. 143). Por acaso estaria seu novo ser supremo, o gênero, fora dessa “lei”, de tal maneira que a infinita riqueza que lhe atribui não resultasse em miséria para os indivíduos particulares? É fácil ver que o que faz *O Único e sua Proprie-*

*dade* é voltar a fórmula contra o próprio autor da *Essência*. Agora, quanto mais o homem ou o gênero, como qualquer outro ser supremo, for “rico”, tanto mais o homem real de carne e osso, o indivíduo singular corpóreo, será “pobre” e “expropriado”. E, do ponto de vista stirneriano, a dificuldade de Feuerbach para chegar decididamente ao indivíduo na sua singularidade reside na sua permanência no interior do “círculo mágico do cristianismo”, a via de encarnação – com que começamos o nosso texto. De fato, a ótica da encarnação é claramente assumida por Feuerbach e se encontra expressa em várias de suas fórmulas. Para nosso humanista, literalmente, a tarefa de sua época seria “a realização e a humanização de Deus”, ou seja, “a transformação e a resolução da teologia em antropologia” (Feuerbach 9, p. 128). Ora, se para ele, “o verdadeiro sentido da teologia é a antropologia” (*idem* 6, p. 105), Stirner encontra, ao reverso, o sentido real da segunda... na primeira<sup>(23)</sup>.

**Abstract:** Man is for Stirner a new supreme being that replaces God, in fact promoting the aggravation – in “humane” moral and ideologies – of “religious” domination over real, finite men. In all that, we find the perpetuation of the typical Christian flaw, incarnation: the effort to attribute body or objective reality to spirit, ideal, concept, to the disadvantage of the irreducible singularity and corporeality of individuals. That flaw finds its exemplary expression in the Feuerbachian translation of theology into anthropology by means of the inversion subject-predicate, which transposes to – and founds upon – a presumed communitarian universal objective human essence (not men such as they are) the attributes and precedence traditionally bestowed by religion upon the illusory, transcendent being – God.

**Key-words:** anti-humanism – atheism – man – Stirner – Feuerbach

## Notas

- (1) A obra *O Único e sua Propriedade (Der Einzige und sein Eigentum)* saiu publicado em Leipzig no final de 1844, com data de 1845.
- (2) A saída para um relacionamento verdadeiramente pessoal estaria, então, no “egoísmo” stirneriano – que talvez não seja uma noção assim tão perversa como a palavra sugere. Pela ótica do egoísmo, “se te amo, não é por amor de um ser superior, mas por ti mesmo, com ‘tua’ essência.” Pois ela “não é nada de superior e mais geral do que tu; ela é única como tu mesmo, ela é tu mesmo” (Stirner 16, p. 45). Nem pelo amor de Deus, nem por amor ao homem, mas, finalmente, por amor de ti mesmo – o egoísmo de Stirner começa a soar mais... humano. Recorde-se que Karl Marx também chega a denunciar como “religião” o “reconhecimento do homem através de um mediador” – seja Cristo ou o Estado (cf. Marx 13, p. 241). Mas, Stirner perguntaria, o homem não é freqüentemente, também ele, um mediador para o reconhecimento dos simples indivíduos?
- (3) Para Stirner, a humanização do divino nos deixaria numa condição ainda pior: “Se Deus nos fez sofrer, o homem nos martirizará ainda mais” (Stirner 16, p. 190-1).
- (4) “Tornai-vos conformes ao verdadeiro ser genérico” – essa é a fórmula para que finalmente se identifiquem completamente “eu” e “homem” (Stirner 16, p. 192), ou seja, para resolver essa contradição em benefício do seu termo universal. Tal fórmula foi colhida, por Stirner, de ninguém menos do que o jovem – e certamente feuerbachiano – Karl Marx, na *Questão Judaica*.
- (5) Com o que, diz Stirner, a fraternidade do “liberal humanista” torna-se na verdade muito superficial (Stirner 13, p. 189).
- (6) Para Marx – que vê na preocupação stirneriana o velho vício alemão –, o homem de que fala Stirner, como nova personificação do sagrado, nada mais é do que o conceito ou idéia hegelianos sob outro nome (cf. Marx & Engels 14, p. 275). Segundo ele, o que ocorre é que alguns filósofos “representam” e “justificam” *a posteriori*, como conseqüências do conceito de homem, idéias tais como liberdade, direito, socialismo etc., que são apenas (a expressão de) relações empíricas (*id., ibid.*, p. 215). Se o problema para Stirner é que as idéias sejam separadas do indivíduo, isto é, de seu fundamento no eu singular (sem fundamento), e lhes seja então atribuída uma substância, Marx, ao contrário, vai preferir denunciar que elas sejam destacadas das coisas representadas e das “relações reais” que constituem

- seu verdadeiro fundamento e sua legítima “corporeidade,” e que sejam então falsamente fundamentadas no “indivíduo da representação filosófica,” “cortado de sua realidade” (*id., ibid.*, p. 275).
- (7) Stirner refere-se expressamente a Feuerbach através de todo o texto de *O Único e Sua Propriedade*, algumas vezes de maneira bastante extensa, a ponto de comentadores da obra não saberem expor seu pensamento sem antes apresentar primeiro a concepção feuerbachiana.
  - (8) Se os predicados de Deus são na verdade predicados humanos, estes por sua vez, segundo Feuerbach, não remetem a qualquer fundamento que não seja o próprio homem, ou melhor, que não seja a essência do homem.
  - (9) Cf. Bíblia, N.T., Rom. 8,9; 1, Cor. 3, 16; João, 20, 22. Feuerbach representa, para Stirner (Stirner 16, p. 34), “a última convulsão do espírito cristão trazido do além. Não faz sentido, portanto, a afirmação de Auguste Cornu de que o segundo reconhece os “méritos” do primeiro e considera este “mais radical” do que Bruno Bauer (cf. Cornu 3, p. 75-6). Tampouco tem fundamento sua afirmação de que ambos (Bauer e Feuerbach) seriam situados por Stirner como um passo adiante em relação ao idealismo do pensamento tipicamente moderno.
  - (10) Bruno Bauer também entende – e denuncia – que, na antropologia de Feuerbach, “o indivíduo deve submeter-se ao gênero e servi-lo”, tal como a Deus; o gênero seria apenas uma nova versão do absoluto hegeliano (Bauer 2, p. 105).
  - (11) De fato, Feuerbach mesmo, na *Essência do Cristianismo* (Feuerbach 6, p. 189) admite que “aquele que tem um objetivo que considera essencial e verdadeiro em si, tem por isso mesmo uma religião”.
  - (12) Nas palavras de Giles Deleuze – que às vezes parece utilizar Stirner para “traduzir” Nietzsche –, o ateísmo da inversão sujeito-predicado põe a “vida reativa” no lugar da vontade divina, o homem “reativo” e “escravo” no lugar de Deus (Deleuze 4, p. 178 e 182).
  - (13) Como Friedrich Nietzsche vai dizer depois: “Quanto mais emancipada da teologia, mais imperativa se torna a moral” (Nietzsche, *A Vontade de Potência*, § 20).
  - (14) Esta edição francesa (Marx & Engels 15) contém trechos dos manuscritos da *Ideologia* que não se encontram na edição alemã, da Dietz (Marx & Engels 14).
  - (15) A associação de Baal com Feuerbach, por outro lado, não é vazia de sentido; sem a transcendência de Jeová, Baal é o deus da fertilidade e seu culto envolve a adoração da natureza.
  - (16) É como Friedrich Engels caracteriza o autor da *Essência do Cristianismo no Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã* (Engels 5, p. 263).

- (17) Feuerbach, de acordo com Henri Arvon, tenta na verdade “salvar o divino, dando-lhe a forma de um humanismo consciente.” Ele seria ateu... por excesso de religião (cf. Arvon I, p. 35).
- (18) Tal resultado, aliás, parece semelhante ao que Marx vai obter com a concepção materialista da história; pois, se os predicados corresponderem a relações materiais, e dessa forma não dependerem da consciência, da vontade ou do sentimento de quem quer que seja, eles se imporão aos homens ainda mais inescapável e legitimamente. Feuerbach acredita que os predicados “demonstram-se imediatamente como verdadeiros,” mas tal “evidência” não parece uma fundação tão segura quanto a que Marx vai obter com seu materialismo histórico.
- (19) A esse respeito, além da *Essência do Cristianismo*, ver também Feuerbach 10, p. 100.
- (20) No seio da esquerda hegeliana, encontramos duas críticas distintas, e quase simetricamente opostas, do cristianismo. Marx fica com a de Feuerbach; as de Stirner e Bauer se assemelham entre si.
- (21) Ninguém melhor do que Sören Kierkegaard para dar razão à interpretação de Feuerbach. Para esse filósofo cristão, o indivíduo humano é superior ao gênero porque cada um é feito, por si, à semelhança de Deus (*Tagebücher*, 11).
- (22) Não é significativo que Friedrich Engels, numa obra da maturidade, tenha escolhido celebrar, entre as contribuições de Feuerbach, precisamente esse imperativo? (Engels 5, p. 286).
- (23) Depois de Max Stirner, vários comentadores, contemporâneos nossos, chegaram a conclusões semelhantes, à denúncia da “revolução feuerbachiana” como a falsa revolução. Além de Henri Arvon e Giles Deleuze, também Michel Henry, por exemplo, entende que a antropologia feuerbachiana, como suposto retorno ao homem daquilo que é seu, “não realiza nada” (Henry 12, p. 403). E. F. M. Gordon conclui que o homem de Feuerbach resultou ser “um ideal” e “um deus”, “num sentido mais literal do que ele pretendia” – o que, pelo visto, é uma crítica benevolente, pois é intencionalmente que “Feuerbach ressuscita a religião”. Para Gordon, em todo caso, “tudo o que Feuerbach atacava em Hegel, trouxe de volta como uma parte essencial de seu próprio pensamento” (Gordon 11, p. 44 e 31).

## Referências Bibliográficas

1. ARVON, Henri. *Feuerbach: sa vie, son oeuvre*. Paris, Presses Universitaires de France, 1964.
2. BAUER, Bruno. “Charakteristik Ludwig Feuerbachs”. *Wigands Vierteljahrschrift*, Leipzig, v.3, p. 86-146, 1845.
3. CORNU, Auguste. *Carlos Marx y Frederico Engels*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975. Vol. 4
4. DELEUZE, Giles. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1970.
5. ENGELS, Friedrich. *Ludwig Feuerbach und der Ausgang der klassischen deutschen Philosophie*. In: MARX, K. & ENGELS, F. *Werke*. Berlin: Dietz, 1962. Vol. 21, p. 263-307.
6. FEUERBACH, Ludwig. *L'Essence du christianisme*. Traduction de Jean-Pierre Osier. Paris: F.Maspero, 1968.
7. \_\_\_\_\_. “L'Essence du christianisme dans son rapport à L'Unique et sa propriété”. In: \_\_\_\_\_. *Manifestes philosophiques: textes choisis 1839-1845*. Paris: Presses Universitaires de France , 1960. p. 221-37.
8. \_\_\_\_\_. “Nécessité d'une réforme de la philosophie”. In: \_\_\_\_\_. *Manifestes philosophiques: textes choisis 1839-1845*. Paris: Presses Universitaires de France, 1960. p. 96-103.
9. \_\_\_\_\_. “Principes de la philosophie de l'avenir”. In: \_\_\_\_\_. *Manifestes philosophiques: textes choisis 1839-1845*. Paris: Presses Universitaires de France, 1960. p. 127-200.
10. \_\_\_\_\_. Thèses provisoires pour la réforme de la philosophie. In: *Manifestes philosophiques: textes choisis 1839-1845*. Paris: Presses Universitaires de France, 1960. p. 104-26.

11. GORDON, F.M. "The contradictory nature of Feuerbachian humanism". *The Philosophical Forum*, Boston, v.8, n.2/4, p. 31-47, 1978.
12. HENRY, Michel. "La critique de la religion et le concept de genre dans L'Essence du christianisme". *Revue Internationale de Philosophie*, n.101, p. 386-404, 1972.
13. MARX, Karl. "Über Bruno Bauer: Die Judenfrage". In: LÖWITH, Karl (Org.). *Die hegelsche Linke*. Stuttgart: F. Fromann, 1962. p. 235-56.
14. MARX, K. & ENGELS, F. "Die deutsche Ideologie". In: \_\_\_\_\_. *Werke*. Berlin: Dietz, v.3.
15. \_\_\_\_\_. *L'Idéologie allemande*. Paris: Editions Sociales, 1968.
16. STIRNER, Max. *Der Einzige und sein Eigentum*. Stuttgart: Philip Reclam, 1972.
17. \_\_\_\_\_. "Rezensenten Stirners". In: \_\_\_\_\_. *Le faux principe de notre Éducation: ou L'Humanisme et le réalisme: L'Anticritique: critiques de Stirner*. Paris: Aubier Montagne, 1974. p. 41-77. Título original: Das unwahre Prinzip Unserer Erziehung oder der Humanismus und Realismus: Rezensenten Stirners. Edição bilingüe.